

+museu

Boletim do Museu Municipal de Palmela | n.º 28 - nov. 2023/mai. 2024

Editorial

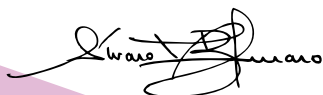
As cores de outono fazem-se anunciar e, com elas, um novo ciclo na vida das famílias e organizações. Crianças, jovens e docentes regressam à escola, os novos projetos e ações são desenhados e orçamentados, as expectativas são elevadas. E neste novo ciclo abundam os valores de Abril. Em 2024, assinalam-se os 50 anos da Revolução de Abril e as comemorações do cinquentenário estão, já, a decorrer no Município de Palmela, sob o mote "Abril para Já!". Como não poderia deixar de ser, o Serviço Educativo do Museu e Biblioteca programou, a este propósito, um conjunto de projetos a desenvolver com a Comunidade Educativa. O "Livro Livre", dirigido às Escolas Secundárias, é um desses projetos e assenta na recolha de memórias e na visitação de locais emblemáticos. Para que Abril se cumpra!

Recuando no tempo, o primeiro artigo deste Boletim fala-nos dos testemunhos parietais que a arqueologia deteta no decurso dos trabalhos de acompanhamento das obras nos edifícios do Centro Histórico de Palmela. Muitas vezes, entaipados por detrás do reboco, encontram-se portais e armários que deixam vislumbrar outros tempos. Estes testemunhos não são suficientes para inferir conclusões; antes apontam caminhos para o processo de conhecimento, sempre longo e complexo. Não obstante, representam mais um passo para a compreensão que temos da sociedade. O acompanhamento arqueológico é, por isso, fundamental. Porque se tratam de registos frágeis, cuja destruição, acidental ou propositada, suprime de forma irrevogável um trecho da nossa história.

A ação humana tem a maior influência no mundo. As alterações climáticas, provocadas pelo comportamento coletivo e individual, têm um impacto cada vez mais evidente e os cenários que se perspetivam são preocupantes. Hoje, é possível equacionar que os prados verdes, repletos de vida, venham a ser objeto de ficção científica. É urgente agirmos e um dos artigos desta edição aborda, precisamente, a necessidade premente de introduzirmos novas práticas na salvaguarda do património cultural, à mercê das condições meteorológicas extremas. É, também, papel dos museus compreender estes fenómenos, traduzindo-os, dando-lhes legibilidade, e sensibilizar os seus públicos para uma cidadania ativa.

Os museus são, sobretudo, espaços de encontro. De encontro entre o passado e o presente, com olhos postos no futuro. De encontro entre pessoas, quer por via das memórias, quer como lugares de diálogo, reflexão e questionamento. De encontro entre patrimónios enquanto testemunhos de uma sociedade lata, no tempo e na diversidade. E por tudo isto, os museus têm de ser espaços onde cabem todas as pessoas. A inclusão passa por derrubar barreiras arquitetónicas, tanto quanto por disponibilizar informação de modo acessível - seja por meio do discurso expositivo, dinamização de atividades ou desenvolvimento de projetos, seja pela criação de recursos pedagógicos inclusivos. Neste número do "+museu", sublinhamos, assim, a importância de trabalharmos, cada vez mais, por um território inclusivo, de e para «todas/os».

O Presidente da Câmara



Álvaro Manuel Balseiro Amaro



20
anos juntos

Edição
Especial
Aniversário

Em investigação...

2 | ENTRE PORTAIS E ARMÁRIOS ENTAIPADOS. NOVOS TESTEMUNHOS ARQUEOLÓGICOS NO CENTRO HISTÓRICO DE PALMELA.

Os testemunhos que se apresentam sucedem da intervenção arqueológica realizada num edifício que integra o gaveto de um dos quarteirões da vila de Palmela, situado entre a Rua Mouzinho de Albuquerque e a Rua da Ladeira (Fig. 1). A intervenção ocorreu no âmbito do projeto para a reabilitação de um edifício de habitação de dois pisos e telhado de três águas (30 m²), com um pequeno corpo anexo (15 m²) de três pisos e telhado de uma água, outrora separado do restante espaço através de uma parede com arcos de suporte no piso térreo¹. Em complemento, a sul deste corpo, visto da Rua da Ladeira, com o número 17, localiza-se uma habitação com uma pitoresca escada de tiro percecionada na cartografia militar de início do século XIX e nos primeiros registos fotográficos que abrangem a vila palmelense a partir do Parque Venâncio Ribeiro da Costa (Fig. 2-3), permitindo rapidamente localizar o edifício em estudo.

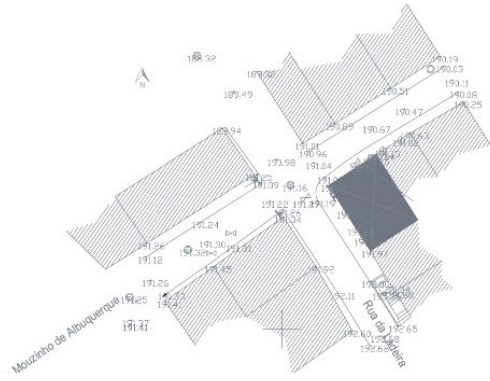


Fig. 1: Planta topográfica com implantação urbana do imóvel em estudo.

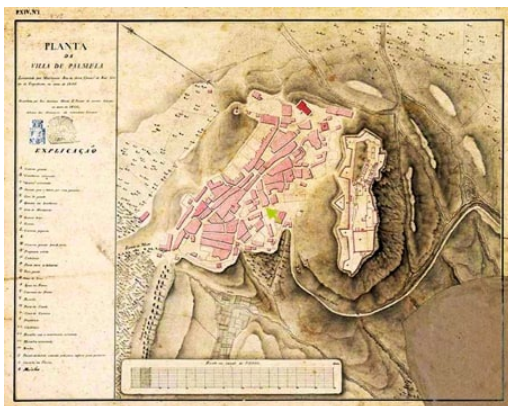


Fig. 2: Planta da villa de Palmela /levantada por Maximiano José da Serra, Coronel do Real Corpo de Engenheiros, no ano de 1806; deenhada por Jozé Antonio Morão, 2.º Tenente do mesmo Corpo, no ano de 1820, debaixo das direcções do sobredito Coronel (Fonte: Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia Militar, PTGEAM/DIE-4741-3-34-47), com localização do imóvel em estudo.



Fig. 3: Vista da vila de Palmela a partir do Parque Venâncio Ribeiro da Costa, s.d. (final do século XIX ou início do século XX) (Arquivo Municipal de Palmela), com localização do imóvel em estudo.

Os trabalhos arqueológicos, mesmo que condicionados pela acentuada degradação e consequente instabilidade estrutural do edifício, corresponderam à escavação de 16 m², compreendendo uma área com 4,40 m de largura máxima por 5,08 m de comprimento máximo (Fig. 4). Neste âmbito, destaca-se o desmonte parcelado da zona de combustão e respetiva chaminé, com azulejos embutidos azuis e brancos apresentando motivos iconográficos variados do século XVIII e, com motivo designado *bicha da praça*, do século XIX², para além da restante sondagem arqueológica que revelou elementos fundacionais do corpo edificado atual e a ausência de testemunhos estruturais pré-existentes.

Em simultâneo, promoveu-se o levantamento de 14 sondagens parietais, ou a cota positiva, cada uma com dimensão de 1 por 1 m (Fig. 5). Estas permitiram, entre outros aspetos, reconhecer que houve uma separação precoce do imóvel virado para a Rua Mouzinho de Albuquerque com os números 15 e 17, e que foi acrescentado, posteriormente, um andar em ambos os edifícios, talvez aquando da sua separação. Tal facto foi constatado com efeito na observação da antiga linha de telhado, em telha mourisca, durante a picagem da parede central, assente nos referidos arcos. Posteriormente, procedeu-se ao acompanhamento arqueológico de determinados procedimentos com vista à execução do projeto, nomeadamente aqueles tidos como medidas de minimização de impactos aquando da realização dos trabalhos arqueológicos prévios e aqueles que colocassem em risco qualquer testemunho arqueológico preservado. Neste sentido, foi possível promover uma análise mais abrangente do edifício.



Fig. 4: Aspetos dos trabalhos de desmonte da estrutura de combustão, dos arcos e planos dos trabalhos arqueológicos de diagnóstico.



Fig. 5: Planos e aspetos das sondagens parietais e de telha mourisca levantada aquando do desmonte da parede central assente nos arcos (sondagem parietal 14).

A meio caminho entre o Largo d'El Rei D. João I, possível rossio da Idade Moderna onde confluía o caminho para Setúbal e Alcácer, e a tardo-medieval Rua da Corredoura, por onde se deslocavam os comerciantes e suas mercancias (Costa, 2016); o imóvel em apreço implanta-se ainda próximo do Mercado Velho, zona de elevada sensibilidade arqueológica, revigorada pelos trabalhos arqueológicos no Espaço Cidadão e pelos restantes testemunhos desta vila no centro de confluência da região interestuarina do Sado-Tejo (Fernandes e Santos, 2012; Nunes et al., 2022). Não obstante, a localização do edifício a meia encosta (provocativa, aliás, do topónimo Rua da Ladeira), proporcionou a revelação de níveis sem evidência de ação humana, referentes aos arenitos e calcarenitos de pinhal e Castelo de Palmela, muito compactos e de tonalidade amarela, aquando da escavação. Mais exatamente a uma profundidade máxima de 55 cm e sensivelmente maior de nordeste para sudoeste – acompanhando a encosta.

No mencionado nível geológico, parcialmente coberto por um fino sedimento escuro com abundante ocorrência de carvões, denunciativo de intenso momento de combustão, foram implantadas as fundações do edifício; e terão sido escavadas cavidades irregulares associadas à aplicação das paredes divisórias em tabique de tábua ao alto, fasquiado e argamassado, possivelmente implantadas por ocasião de uma reformulação após terramoto de 1755. A propósito dos efeitos do terramoto de 1755, em Palmela, João Carlos de Almeida Carvalho, entre 1840 e 1897, observa que “*as casas particulares padeceram mais ou menos, muitas porem abriram grandes rachos [fendas] nas paredes e as chaminés desabaram*” (PT/ADSTB/PSS/APAC/O/0005_m0003). Neste âmbito, além de uma inscrição em relevo com a data de 1758 (Fig. 6), identificada previamente ao começo dos trabalhos arqueológicos num dos alçados, os materiais arqueológicas recolhidas (Fig. 7), como moedas e fragmentos cerâmicos, em concordância, não permitiriam avançar com uma ocupação prévia à centúria de setecentos, enquadrando-se principalmente entre os séculos XVIII e XX.

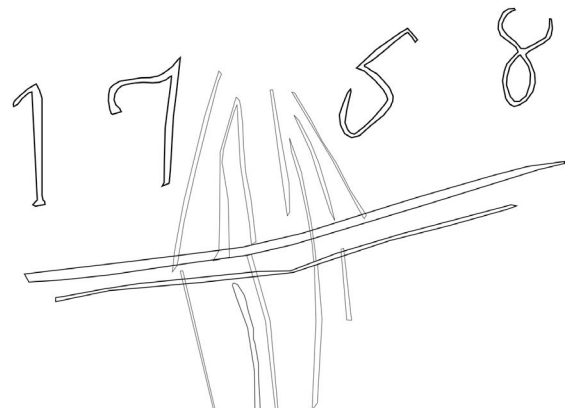


Fig. 6: Registos fotográficos de inscrição cronológica 1758 em relevo (cortesia de João Paixão, 2021) e registo gráfico do suporte digital previamente sobreposto.



Fig. 7: Amostragem de materiais arqueológicos (de cima para baixo e da esquerda para a direita: espólio recolhido aquando do desmonte da estrutura de combustão; espólio numismático da totalidade da intervenção; espólio ilustrativo dos níveis mais recentes – século XIX/XX; espólio ilustrativo dos níveis mais antigos – século XVIII?).

¹ Estes arcos irregulares, extensíveis a outros pontos do quarteirão pela mesma orientação, são característicos de edifícios tardo-medievais a modernos, como forma de conseguir vãos com dimensões adequadas ao estabelecimento de artesãos, comerciantes e armazenistas e dando resposta às exigências de segurança contra incêndios e de salubridade impostas pela Carta Régia de 1499 (Fagulha, 2016: 30-31).

² Aquando do desmonte da estrutura de combustão foram levantados, para além dos azulejos embutidos na chaminé pertencentes ao proprietário do imóvel, 69 fragmentos de azulejos setecentistas aplicados juntamente com terra e outros objetos em menor número aquando de um melhoramento ou reformulação da referida estrutura de combustão, tendo-se levantado um primeiro enchimento seguido de uma placa cerâmica esquadrejada igual à então existente sobre a qual se terá feito também fogo, seguindo-se um novo enchimento assente em duas grandes pedras com evidência de exposição ao fogo, enterradas no substrato, consistindo estas numa primitiva estrutura de combustão, tal e qual como reconhecida noutras casas tradicionais mais rústicas de sul a norte de Portugal (Oliveira e Galhano, 1992).

Em oposição, o posterior acompanhamento da remoção integral do reboco em mau estado de conservação das paredes nordeste e sudeste, revelaram decisivamente a ocorrência de um portal com arco em volta perfeita em alvenaria de tijolo no piso térreo da parede nordeste; no piso superior da mesma parede foram identificados dois outros portais entaipados, um referente a lintel e ombreiras em pedra e outro com lintel e ombreiras em alvenaria de tijolo (Fig. 8). Todos estes acessos entaipados são chanfrados, o que pode remeter para uma cronologia entre os séculos XV e XVI, assim como o armário de parede no segundo piso da parede sudeste, o qual se pode tratar hipoteticamente de um *hekhal*, evidência de criptojudáísmo, uma vez que cumpre alguns dos preceitos estabelecidos (como a sua orientação) e apresenta paralelos formais (parte superior trapezoidal) em Castelo de Vide e Monforte (Mendes, 2018: 262-263, 275). Ainda assim, este imóvel não se situa nas áreas propostas para a(s) judiaria(s) da vila de Palmela (Costa, 2016: 308), e o facto de não se tratar de um elemento inédito do Centro Histórico (Nunes et al., 2022: 368 - CNS: 34919; CNS: 40030), pode eventualmente remetê-lo à condição de um elemento local/regional da arquitetura tardo-medieval e/ou moderna, ainda que a acumulação de camadas de cal e os preceitos indicados levantem questões que se mantêm em aberto. De qualquer modo, ressalva-se que os modelos estilísticos em elementos arquitetónicos perduram com maior intensidade em áreas menos movimentadas e/ou urbanizadas, em particular quando não se tratam de obras de cariz público, mas antes operações artesanais de tradição, herdadas de pais para filhos.



Fig. 8: Aspectos gerais dos elementos arquitetónicos identificados (elementos parietais na parede nordeste; portal com ombreiras e lintel em alvenaria de tijolo no piso superior da parede nordeste; armário de parede no piso superior da parede sudeste).

Por fim, assinala-se que não se tendo verificado intenção por parte do promotor na integração e musealização dos elementos registados, o seu acondicionamento e conservação foi efetuado *in situ*, elegendo a preservação dos elementos no seu local original, sem proceder ao seu desmonte, após o registo ortofotográfico integral (Fig. 9). Esta metodologia foi realizada através do levantamento topográfico e fotográfico das paredes nordeste e sudeste e a posterior aplicação de uma camada de pelo menos 3 mm de argamassa à base de cal-hidráulica pré-doseada, em toda a superfície dos elementos identificados, de acordo com as recomendações de especialistas de conservação e restauro, com a função de criar uma camada separadora e reversível do cimento projetado (Fig. 10).

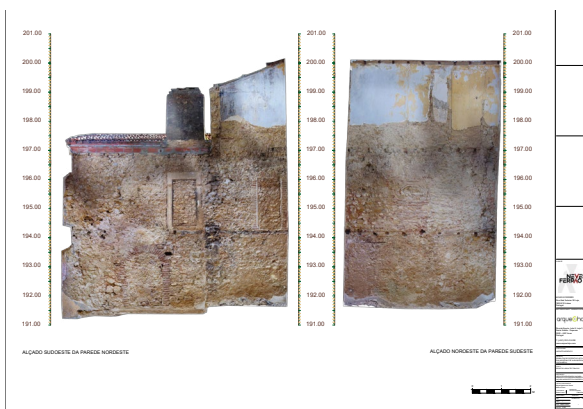


Fig. 9: Ortofotografia do alçado sudoeste da parede nordeste e do alçado noroeste da parede sudeste (autores: Fábio Rocha e Sónia Cravo).

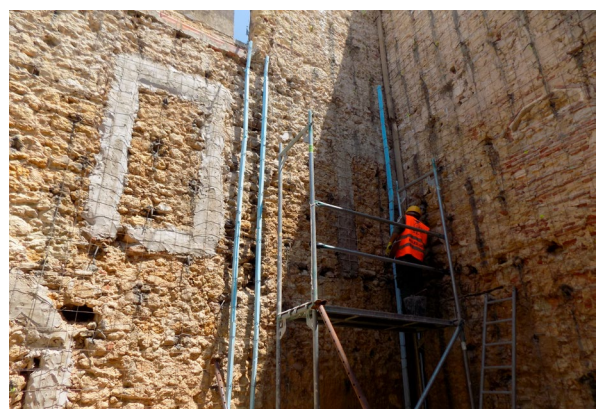


Fig. 10: Aspetto dos trabalhos finais de aplicação da argamassa à base de cal hidráulica pré-doseada por Jagdeep Singh na parede nordeste.

Sem embargo, os testemunhos patrimoniais presentemente divulgados expressam o desvendamento progressivo das dinâmicas evolutivas em resposta às adversidades impostas no edifício e, por extensão, na vila de Palmela. Por conseguinte, perceptivelmente alterado a partir da segunda metade do século XVIII, e até à atualidade, este foi reformulado devido à abertura de fendas profundas nas paredes e à deflagração de um incêndio em hipotética associação com catástrofe de 1755. Todavia, e de modo contínuo em relação à referida intervenção do Espaço Cidadão (Nunes et al., 2022), entre outras (CNS: 40030), manifestou-se uma pré-organização com elementos possivelmente quinhentistas deste quarteirão, o qual revelou uma compartimentação interna subtilmente distinta da atual. Não obstante, este primeiro apontamento demanda uma análise sistemática em sintonia com outras intervenções arqueológicas na vila de Palmela.



Miguel Martins de Sousa

Arqueólogo, ArqueoHoje, Lda.
Alumnus, Universidade Nova de Lisboa

Marina Évora

Professora Auxiliar, Departamento de Ciências Sociais e Gestão,
Universidade Aberta
Centro de Estudos Globais | Universidade Aberta
ICArEHB – Interdisciplinary Center for Archaeology and the Evolution of
Human Behavior | Universidade do Algarve, Faro
Arqueóloga, colaboradora da ArqueoHoje, Lda.

Bibliografia

- COSTA, J. T. dos S. (2016) - *Palmela. O espaço e as gentes (séculos XII-XVI)*, Lisboa: Tese de Doutoramento apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.
- FAGULHA, J. (2016) - *Reabilitação e conservação do património arquitectónico*. Lisboa: Ordem dos Arquitectos - Secção Regional Sul. (Cadernos Técnicos; 4).
- FERNANDES, I. C. F.; SANTOS, M. T. (2012) «Carta Arqueológica do Concelho de Palmela», in FERNANDES, I. C. F. e SANTOS, M. T. (Coord.), *Palmela Arqueológica no Contexto da Região Interestuarina Sado-Tejo*. Palmela: Câmara Municipal/Museu Municipal, pp. 11-24.
- MENDES, P. (2018) «Os Hekhalot: Vestígios arqueológicos de um criptojudaísmo singular», in *Portvgalia: Revista de Arqueologia do Departamento de Ciências e Técnicas do Património da FLUP*, 39. Porto: Departamento de Ciências e Técnicas do Património - Faculdade de Letras da Universidade do Porto, pp. 253-278.
- NUNES, J.; PORFÍRIO, E.; SANTOS, M. T. (2022) «Quatro anos de intervenção arqueológica no Espaço Cidadão (Palmela). Os Principais Resultados e Algumas Questões», in *digitAR - Digital Journal of Archaeology, Architecture and Arts*, n.º 8. Coimbra: Centro de Estudos em Arqueologia, Artes e Ciências do Património, pp. 357-369.
- OLIVEIRA, E. V. de; GALHANO, F. (1992) - *Arquitetura Tradicional Portuguesa*. Lisboa: Etnográfica Press.

Em destaque...

3 | Crise Climática. Pensar sobre os efeitos das alterações climáticas no património cultural.

Assistimos diariamente a fenómenos meteorológicos mais severos. Abrimos as páginas dos jornais, das redes sociais ou os ecrãs de televisão e ficamos impressionados com a violência e impacto das imagens de devastação causadas por inundações, por violentos incêndios, pelas ondas de calor e seca, ao aumento de temperatura do mar e suas consequências. Todos processos com efeitos destrutivos para as populações, cidades, recursos naturais e patrimoniais. A cada dia, a crise climática ganha uma aceleração extraordinária na história da Humanidade, ultrapassa limites e afirma a urgência de agir.

O Património Cultural é um recurso valioso para os cidadãos e para as cidades, mas vulnerável à instabilidade dos fenómenos naturais, o que aumenta potencialmente o risco de perda ou dano. Se pensarmos nos sítios e espólios arqueológicos, que são mais frágeis e expostos, porque o processo de escavação arqueológica é, na sua essência, uma acção destrutiva, na medida em que altera a pré-condição do sítio e dos seus contextos, que enquanto cobertos, mantinham a sua capacidade de conservação e, depois de intervencionados e expostos a céu aberto, tornam-se mais susceptíveis aos efeitos das alterações climáticas, percebemos que temos de nos apressar, temos de ser mais rápidos na luta contra as alterações climáticas.

Salvaguardar o património cultural é um desafio acrescido, exigindo uma alteração ao nosso comportamento perante a urgência de nos adaptarmos à mudança climática.

É sobremaneira importante, desenvolver medidas de adaptação com base em conhecimento validado em abordagens multidisciplinares e soluções sustentáveis, para a salvaguarda patrimonial e assegurar a sua transmissão às gerações futuras. A sociedade civil, os profissionais do património, a comunidade educativa, os decisores políticos, enfim... cada um de nós, tem um papel importante nesta acção.

Em Portugal, A Estratégia Nacional de Adaptação às Alterações Climáticas (ENAA, 2020), que contempla o Programa Nacional para as Alterações Climáticas e o Quadro Estratégico para a Política Climática até 2030, não inclui o património cultural nas diversas áreas temáticas, nem nos grupos sectoriais. Tão pouco, se debruça sobre os efeitos no património cultural construído. É, também, omissa quanto aos previsíveis impactos sobre a infraestrutura construída e os bens patrimoniais móveis. As recomendações da UNESCO são claras sobre esta necessidade e, por isso, não compreendemos esta(s) lacuna(s) no documento.



Fig. 1 – Alcaria do Alto da Queimada, Palmela



Fig. 2 – Espaço Cidadão, Palmela. Um legado cultural



Fig. 3 – Património móvel. Cantil almóada do castelo de Palmela

O relatório «O Futuro dos nossos passados. Comprometer o património cultural em acção pelo clima», redigido pela UNESCO (em 2019) é uma referência valiosa no reconhecimento das profundas implicações culturais das alterações climáticas, e na necessidade de melhor compreender como estas mudanças afectam negativamente o património (em particular o arqueológico). Destaca a urgência em repensar conceitos patrimoniais relacionados com a autenticidade e integridade dos valores, sublinhando a necessidade de enfrentar as mudanças climáticas de modo responsável, combinando uma acção equilibrada entre a conservação do património e o desenvolvimento sustentável (ICOMOS, 2019).

Consciente das limitações e complexidade associadas a este processo, reconhecem-se no imediato algumas barreiras, nomeadamente a ausência de financiamento para a área da cultura, sobretudo para a salvaguarda, a investigação e valorização do património cultural, material e imaterial, a que crescem a falta de vontade e de agenda política, e a inexistência de legislação adequada.

Estas carências dificultam muitíssimo a implementação de uma estratégia preventiva e o desenvolvimento de programas de monitorização e manutenção, de avaliação científica e de sensibilização da sociedade civil.

Em 2021, O Município de Palmela iniciou a elaboração do seu Plano Local de Ação e Adaptação às Alterações Climáticas (PLAAC) que, na sua estrutura inicial, não incluía o Património Cultural. A participação do Museu Municipal na estrutura do Plano foi determinante para identificar este ponto fraco e alertar para a urgência de propor a sua integração na estratégia local e regional (PLAAC- Arrábida), como uma oportunidade para a criação de soluções sustentáveis para a protecção e valorização do nosso património. E que, presentemente, se confirma.

Nesta caminhada pela inclusão do património cultural na estratégia de adaptação às alterações climáticas, percebemos que é primordial realizar um mapeamento do risco e identificar os bens patrimoniais mais vulneráveis aos efeitos. Desenvolver uma robusta campanha de monitorização que permita, a longo prazo, ter a informação indispensável à definição de uma estratégia capaz de travar os riscos associados aos efeitos da mudança climática (ex. calor; chuvas e ventos fortes, deslizamento de vertentes).

Se hoje sentimos dificuldade, muito em breve, cumprindo-se as previsões e cenários traçados, para um aumento de temperatura que já ultrapassou o valor de 1.5° C e a ocorrência de fenómenos cada vez mais extremos, será ainda mais complexo encontrar soluções que reduzam os efeitos das alterações climáticas.

Proteger e salvaguardar o património cultural é fundamental para construir cidades e sociedades mais resilientes em todo o mundo. Este é um dos 17

Objectivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS 11), assumidos por todos os membros das Nações Unidas, que têm como ambição «não deixar ninguém para trás», definindo as prioridades e aspirações do desenvolvimento sustentável global para 2030.

Ban Ki-moon (antigo Secretário-Geral das Nações Unidas) afirmou que“(…) são a nossa visão comum para a Humanidade e um contrato social entre os líderes mundiais e os povos. São uma lista das coisas a fazer em nome dos povos e do planeta e um plano para o sucesso”.



Fig. 4 – Grutas Artificiais do Casal do Pardo, Palmela. Monumento Nacional



Fig. 5 – O Castelo de Palmela, uma fortificação milenar. Lugar de memória e paisagem cultural

Michelle Teixeira Santos
Arqueóloga

(A autora não segue as normas do Acordo Ortográfico em vigor)

Em destaque...

3.1 | Museu - A Estação: uma viagem ao mundo dos comboios para todos os públicos

Atualmente, vivemos numa sociedade que ainda apresenta muitas barreiras em diversas áreas do nosso quotidiano. Tratam-se de obstáculos que impossibilitam que algumas pessoas, com características diferenciadas, não possam usufruir dos seus direitos em plenitude e igualdade de oportunidades.

Para que tal aconteça, devem ser criadas diversas medidas, nas mais diversas áreas, incluindo a do Património Cultural. Neste sentido, de acordo com a Direção-Geral do Património Cultural (s.d.), sendo pertença de todos os indivíduos, deve promover-se o acesso físico, intelectual, social, cultural e económico nos monumentos, palácios e museus.

Ao criarem-se estratégias de acessibilidade, permite-se que o indivíduo se sinta seguro e confortável nos espaços museológicos possibilitando a sua inclusão. Salasar (2019) refere que para haver inclusão tem de haver empatia. Cada um de nós deve saber colocar-se no lugar do outro.

Para tornar um museu acessível e inclusivo é, também, fundamental ter como aliados os públicos para serviço de consultoria e avaliação dos seus recursos (Salasar, 2019). O Museu - A Estação, para além das diversas medidas implementadas no que diz respeito à inclusão de pessoas com deficiência, tem também promovido atividades e ações de formação à sua equipa. Da mesma forma, acolhe pessoas com características diferenciadas quer no público, quer nas suas equipas e parceiros. A diferença faz parte da humanidade e ao trabalharmos com a diversidade estamos também a enriquecer-nos, cada vez mais, e a dar resposta às necessidades de cada um.

O Museu - A Estação é um dos espaços que contribuiu para a distinção do Município de Palmela enquanto Marca «Entidade Empregadora Inclusiva», promovida pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (IEFP). Faz parte da nossa equipa o Rui Assunção, associado da Inovar Autismo, entidade com quem o Município tem estabelecido um protocolo de colaboração.

O colega exerce funções no espaço museológico, mas, também, colabora em diversas atividades promovidas ou apoiadas pela autarquia. Assim, o texto que se segue relata, na primeira pessoa, as suas tarefas e contributos para tornar o Museu - A Estação um espaço de partilha e adequado ao acolhimento de todos os públicos.

Ana Bichinho
Museu Municipal de Palmela



Fig. 1 – Foto de grupo da visita de dia 2 de abril – Dia Mundial da Consciencialização do Autismo, orientada pelo Rui Assunção



Fig. 2 – Rui e a sua paixão pela fotografia



Fig. 3 – O «chefe de Estação» Rui Assunção



Fig. 4 – O Comboio Rápido Serviço Alfa Pendular n.º 186/7 captado pela lente do Rui

Referências Bibliográficas:

Direção-Geral do Património Cultural. (s.d.). Acessibilidade. <http://www.patrimoniocultural.gov.pt/pt/acessibilidade/>

Salasar, D. N. (2019). Um museu para todos: manual para programas de acessibilidade. Editora da UFPel. <http://guaiaica.ufpel.edu.br:8080/handle/prefix/4390>

É sempre muito estranho escrever uma espécie de crónica jornalística para o boletim «+ museu» do Município de Palmela, porque sou apenas um assistente operacional e não um jornalista. Contudo, fui desafiado pelas minhas colegas do Museu Municipal de Palmela a falar sobre as minhas funções no Museu – A Estação, e vou contar-vos um pouco sobre mim e a importância deste museu ser um museu inclusivo.

Eu chamo-me Rui Assunção, tenho 29 anos de idade e resido em Setúbal. Nasci em Lisboa, mas fui registado na Moita do Ribatejo. Neste momento, executo as minhas funções de assistente operacional no Museu – A Estação, que fica localizado em pleno centro da vila do Pinhal Novo, mais concretamente na Praça José Maria dos Santos. Sou entusiasta dos Caminhos de Ferro Portugueses e gosto de temas que marcam a atualidade do setor ferroviário.

Vou contar-vos um pouco da minha experiência no Museu e os meus contributos para o tornar mais acessível e inclusivo. Começo por dizer-vos que a minha experiência no Museu foi algo que me gratificou enquanto pessoa e enquanto assistente operacional. Foi aqui que apliquei o meu inglês britânico cada vez que vinha cá um estrangeiro perguntar onde é que se apanha o comboio. Também executei, muitas vezes, o papel de «Chefe de Estação» com o máximo rigor e autoridade, isto porque, o Chefe de Estação tem que impor a ordem e cumprir as normas de segurança ferroviária. Para tal recebi inúmeros conselhos dos trabalhadores da CP – Comboios de Portugal e da IP – Infraestruturas de Portugal sobre segurança ferroviária, e foram esses conselhos que me permitiram fazer esse papel que abracei com muito amor e carinho. Também é de salientar que executo várias tarefas neste espaço (recebo telefonemas, registo peças que nos chegam, faço acompanhamento das visitas guiadas e orientadas com a respetiva reportagem fotográfica e também orientei visitas, assim como outras tarefas muito importantes como é o caso do projeto de recolha de sons ferroviários, que se destina à maleta pedagógica do Museu – A Estação). Estou, também, a trabalhar num projeto de um livro e num trabalho de investigação que propus realizar. Uma das tarefas que melhorei desde que aqui trabalho é a fotografia. Tenho fotografado as iniciativas do Museu, mas também outras que o Município organiza ou apoia. São exemplos o Mercado Caramelo, a Feira Medieval, o Festival Internacional de Gigantes.

E, claro, gosto muito de fotografar as minhas colegas de trabalho!

Rui Assunção
Museu Municipal de Palmela

3.2 | Um Livro aberto à Liberdade

*Foram dias foram anos a esperar por um só dia.
Alegrias. Desenganos. Foi o tempo que doía
Com seus riscos e seus danos. Foi a noite e foi o dia
Na esperança de um só dia.*

Manuel Alegre

Durante mais de quarenta anos, Portugal esteve mergulhado numa ditadura que, à imagem de outros governos totalitários, se apressou a monopolizar o conhecimento, a controlar o pensamento dos seus cidadãos e que, num exercício de poder, censurou as criações artísticas e culturais nas suas mais variadas vertentes, como a literatura e os livros e, por esse meio, o acesso ao conhecimento e à educação.

Celebramos 50 anos sobre a data que pôs fim ao jugo da ditadura e da repressão.

Reconhecendo a importância de compreender o 25 de Abril, o Serviço Educativo do Museu e da Biblioteca propõe-se dar a conhecer, a crianças e jovens,

este marco da história de Portugal e o seu legado, celebrando os direitos e liberdades fundamentais patentes na Constituição de 1976. Desenvolverá, ao longo deste ano letivo, um projeto de animação do livro e da leitura e, simultaneamente, de recolha de memórias e partilha de experiências sobre o passado, tendo como ponto de partida o Livro Livre, dos autores Francisco Bairrão Ruivo, Joana Paz e da ilustradora Danuta Wojciechowska.

O projeto *Livro Livre* é dirigido especificamente aos grupos disciplinares de História e Português, nomeadamente aos alunos que se encontram a frequentar o ensino secundário (12.º anos), abrangendo uma turma por cada Escola Secundária do Concelho de Palmela.

O *Livro Livre* baseia-se no conceito de co-autoria e será construído por cada aluno/a em parceria com familiares e pessoas da comunidade, entrevistando-as e recolhendo memórias sobre o passado, gerando um diálogo intergeracional contribuindo, assim, para o reforço da cooperação na comunidade.

A composição do livro será feita com o recurso a diferentes formas de expressão, com total liberdade artística por oposição ao contexto da censura. Este processo terá várias fases, contemplando a participação do Serviço Educativo, professores e alunos em sala de aula e, pontualmente, visitas a locais relacionados com a temática e conversas informais com personalidades ligadas à luta pela liberdade.

Pretende-se com este projeto reforçar a ideia de que existem direitos e liberdades, mas, também, deveres, apelando ao exercício ativo da cidadania e, simultaneamente, à reflexão acerca do que na cultura e na sociedade aconteceu antes e depois do 25 de abril de 1974 ou, o que, ao longo destes 50 anos de vida em democracia, ficou como legado.

Onde é que estavas no 25 de abril de 1974?

O que é que te contaram sobre esse dia?

Do que é que te lembras?

As respostas nunca serão as mesmas e jamais se esgotam. Cada história é única. Há tanto ainda por contar. É preciso falar. É preciso lembrar. É preciso querer saber e honrar. É preciso acreditar.

Por todos nós, porque a voz precisa de ser ouvida. A tua. A minha. A nossa.

Ainda há tanto por descobrir. Que este projeto seja uma oportunidade para saber mais e para sentir os valores de Abril.

*Imagina um País onde todas as cores eram proibidas.
Imagina grandes cidades onde tudo era a preto e branco.
Imagina um lugar de meninos tristes e de pais que só se falavam em silêncio.*

Imagina não se poder imaginar...

... Até que um dia as pessoas puderam finalmente abraçar o sonho Liberdade.

Esta é a história verdadeira do lugar que agora podemos reimaginar por causa do nosso cravo; para que mais não aconteça...

Vamos?...

Adília Candeias

Sandra Abreu Silva
(coordenadora do Serviço Educativo)

Helena Martins
(Serviço Educativo do Museu e Biblioteca)



Património Local...

4 | As profissões na freguesia de S. Pedro de Palmela, no Caderno Eleitoral de 1921¹

Os Cadernos Eleitorais (CE) do primeiro quartel do século XX, permitem-nos ter uma percepção da distribuição profissional da população masculina recenseada, por idade, estado civil e morada, em cada freguesia; podem ser consultados no Arquivo Histórico Parlamentar.

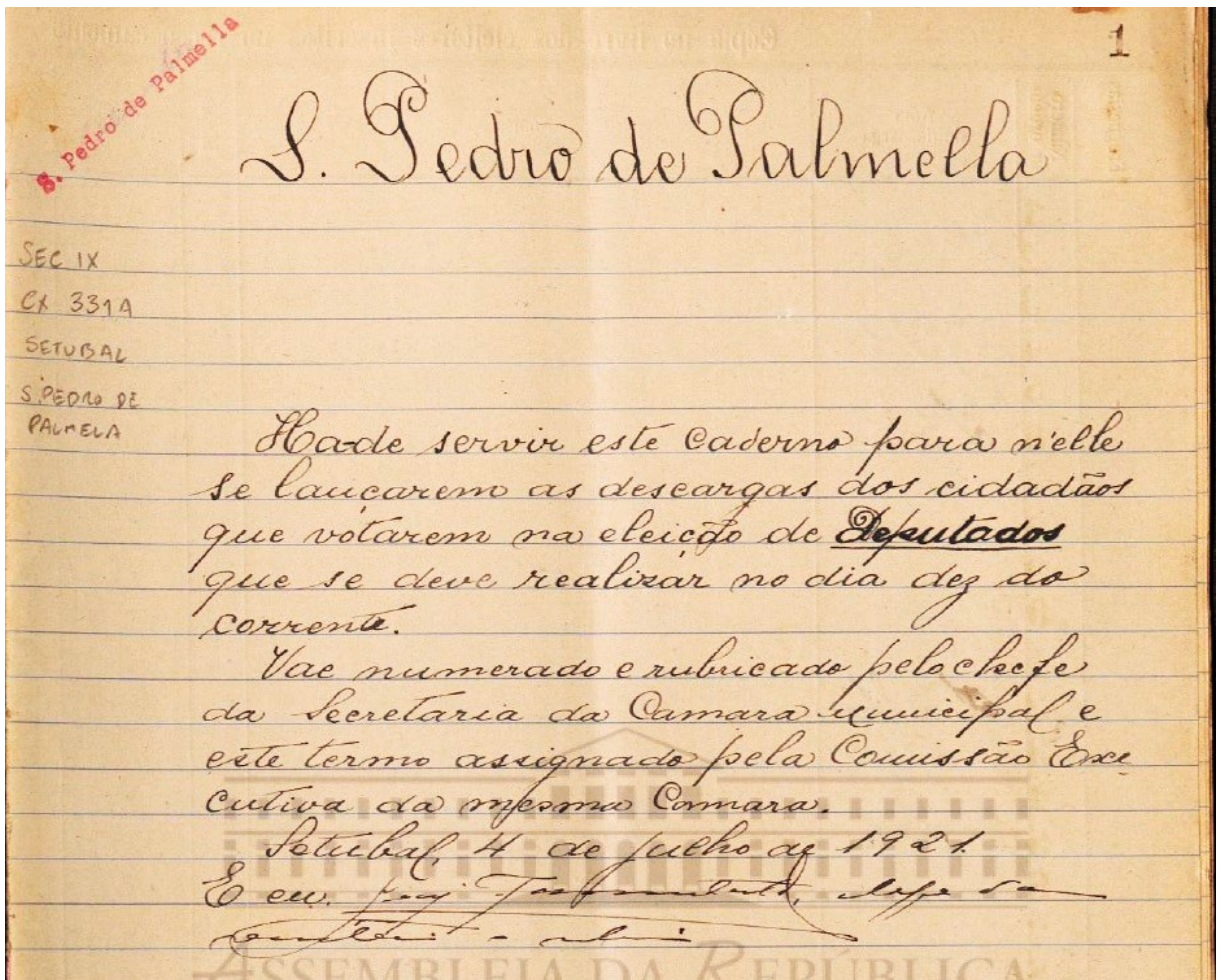
Durante a 1.ª República (1910-1926), o Congresso era formado por duas câmaras: a Câmara dos Deputados e o Senado, ambas eleitas por sufrágio directo.

Quem eram os eleitores? A primeira lei eleitoral republicana (1911) afirmava que elegiam deputados e senadores os cidadãos que soubessem ler e escrever ou fossem chefes de família, com idade superior a 21 anos. Em 1913, esta abertura – por lapso! – às mulheres cessou com uma nova eleitoral que limitou a capacidade de voto a «cidadãos do sexo masculino maiores de 21 anos que soubessem ler e escrever»: as mulheres deixaram de ser eleitoras e elegíveis.

Palmela, que perdeu a autonomia administrativa em Outubro de 1855, com a integração das duas freguesias que o compunham – S. Pedro de Palmela e S. Pedro da Marateca - no concelho de Setúbal, resistiu até 1926 a essa alteração de estatuto, exigindo a restauração da sua autonomia, facto documentado em trabalho do Dr. António Matos Fortuna.²

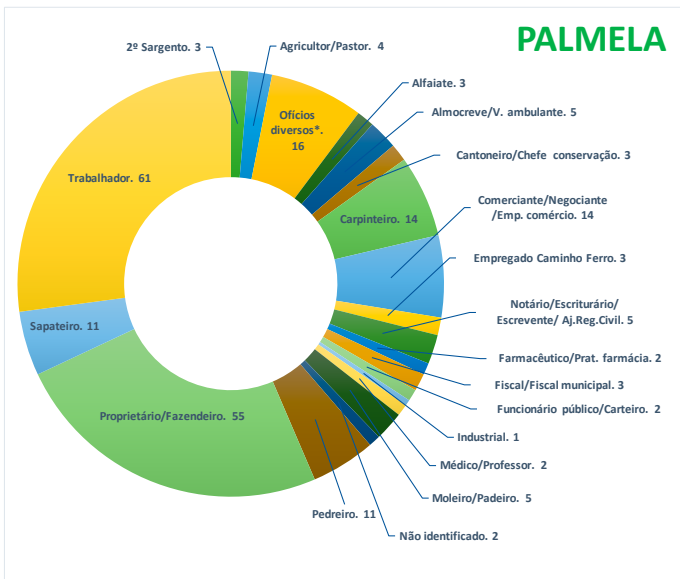
Ao Congresso da República competia «fixar os limites das divisões administrativas do país e resolver sobre a sua organização geral», podendo realizar-se referendos, nos termos da Constituição republicana (1911) e da lei de 23 de Junho de 1916 que «estabeleceu o referendo obrigatório para a criação de novas freguesias ou concelhos.»³

Neste contexto, foi realizado um plebiscito em Palmela destinado a pressionar os eleitos da República a restituírem a autonomia administrativa a Palmela. Este acto usou o caderno eleitoral datado de 4 de Julho de 1921, que - conforme se lê na abertura - «Ha-de servir para n'elle se lançarem as descargas dos cidadãos que votarem na eleição de Deputados que se deve realizar no dia dez do corrente.» Neste caderno da freguesia de S. Pedro de Palmela estão inscritos, «com o fundamento de saberem ler e escrever», 505 cidadãos da freguesia e 1 de Setúbal; um carimbo aplicado nas várias folhas considera-os também cidadãos elegíveis para deputados, senadores e cargos administrativos.

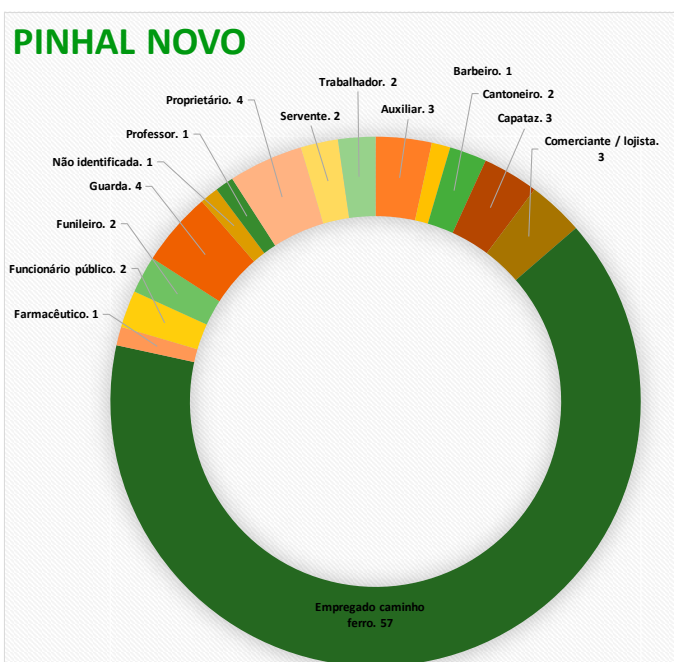


Abertura do Caderno Eleitoral da freguesia de S. Pedro de Palmela, 1921.

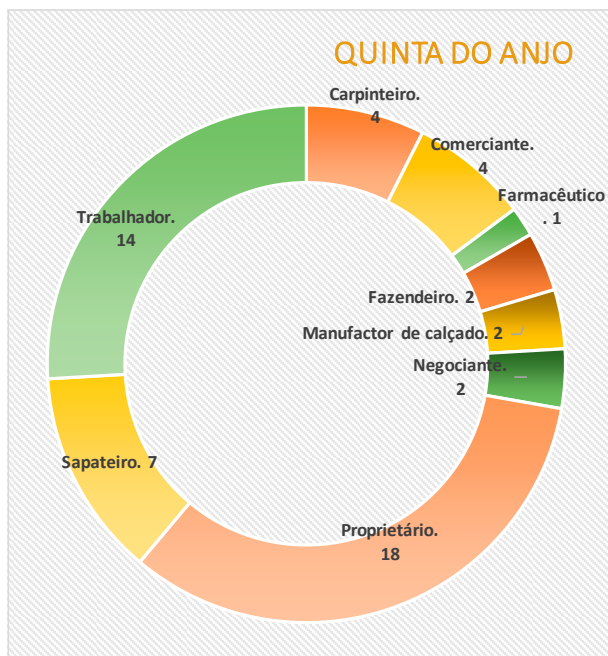
Vejamos como se distribuem os eleitores pelas várias ocupações profissionais nos 5 lugares mais bem representados da freguesia de S. Pedro de Palmela, em 1921: Palmela, Pinhal Novo, Quinta do Anjo, Cabanas e Venda do Alcaide.



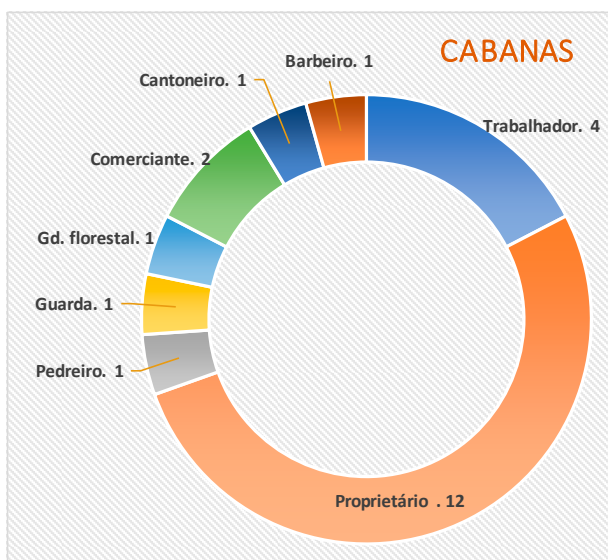
Profissão	N.º
2.º Sargento	3
Agricultor/Pastor	4
Ofícios diversos*	16
Alfaiate	3
Almocreve/V. ambulante	5
Cantoneiro/Chefe conservação	3
Carpinteiro	14
Comerciante/Negociante/Emp. comércio	14
Empregado Caminho Ferro	3
Notário/Escriturário/ Escrevente/ Aj.Reg.Civil	5
Farmacêutico/Prat. farmácia	2
Fiscal/Fiscal municipal	3
Funcionário público/Carteiro	2
Industrial	1
Médico/Professor	2
Moleiro/Padeiro	5
Não identificada	2
Pedreiro	11
Proprietário/Fazendeiro	55
Sapateiro	11
Trabalhador	61
Total	225



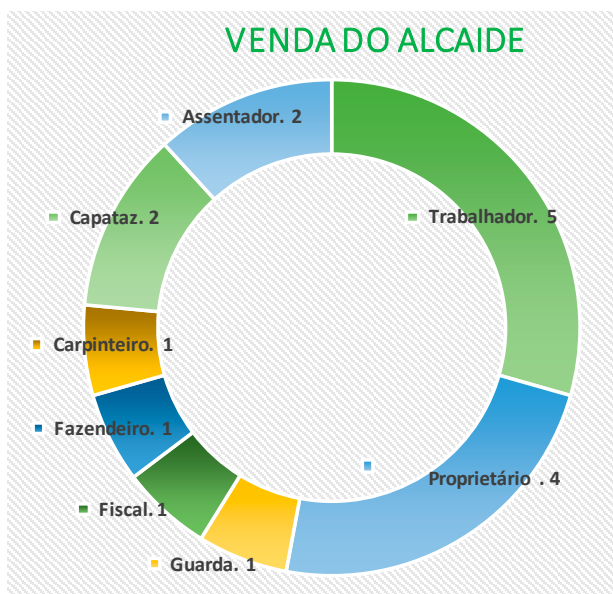
Profissão	N.º
Auxiliar	3
Barbeiro	1
Cantoneiro	2
Capataz	3
Comerciante/lojista	3
Empregado caminho ferro	57
Farmacêutico	1
Funcionário público	2
Funileiro	2
Guarda	4
Não identificada	1
Professor	1
Proprietário	4
Servente	2
Trabalhador	2
Total	88



Profissão	N.º
Carpinteiro	4
Comerciante	4
Farmacêutico	1
Fazendeiro	2
Manufator de calçado	2
Negociante	2
Proprietário	18
Sapateiro	7
Trabalhador	14
	54



Profissão	N.º
Trabalhador	4
Proprietário	12
Pedreiro	1
Guarda	1
Gd. florestal	1
Comerciante	2
Cantoneiro	1
Barbeiro	1
	23



Profissão	N.º
Trabalhador	5
Proprietário	4
Guarda	1
Fiscal	1
Fazendeiro	1
Carpinteiro	1
Capataz	2
Assentador	2
	17

Palmela tem 225 eleitores, dos quais 61 trabalhadores, 54 proprietários e mais abaixo 14 carpinteiros, 14 profissões da área do comércio, 11 pedreiros e sapateiros e ofícios* diversos (ex. 1 carpinteiro de carros, 2 funileiros, 2 serralheiros, 2 taneiros, 2 albardeiros). Pinhal Novo tem 88 eleitores, 57 dos quais ferroviários (64,8%). Quinta do Anjo tem 55 eleitores, dos quais 19 são proprietários e 14 trabalhadores. Cabanas e Venda do Alcaide têm, respectivamente, 23 e 17 cidadãos considerados capazes de exercício do direito de voto.

Os demais lugares identificados no caderno eleitoral têm 6 eleitores ou menos eleitores; Carregueira, Penteado, Olhos d'Água, Aljeruz têm, cada um, 6; Poceirão⁴ e Lagoinha têm cada um, 5; Vale da Vila, Lagoinha, Serra do Louro têm, cada um, 4; Brejos de Carreteiros, Palhota, Arraiados, Cascalheira, 3 eleitores; Camarral e Barris têm, cada um, 2 eleitores; há 1 eleitor em cada um dos seguintes lugares: Cajados, Ayres, Batudes, Baixa de Palmela, Fonte da Vaca, Lagoa do Calvo, Montinhoso, Barracheia, Pomares, Vales, Safia, Olival do Cano, e nas Quintas da Glória, da Parrela, das Machadas, da Queimada e da Beselga. Há eleitores em estações de caminhos de ferro com localidade não especificada.

Importa caracterizar a população para a freguesia da Marateca e analisar esta comunidade aliando resultados do recenseamento da população de 1920, para ficarmos com uma melhor imagem da composição demográfica do concelho nas vésperas da sua Restauração.

Nas eleições realizadas a 10 de Julho de 1921, foram eleitos 163 deputados e 74 senadores; o círculo eleitoral 29 (Setúbal) elegeu os deputados Francisco Sales Ramos da Costa, Joaquim Brandão e Jorge de Vasconcelos Nunes; os dois últimos já tinham apresentado projecto de lei visando a restauração do concelho de Palmela. Não será ainda nesse ano que a autonomia é restituída, mas Joaquim Brandão manteve esta luta no Parlamento, tal como foi autor do projecto de lei⁵ para a criação do distrito de Setúbal, após a restauração do concelho de Palmela em Novembro de 1926, em pleno período de Ditadura Militar que pôs fim à 1.ª República em 28 de Maio.

Cópia do livro dos eleitores inscritos no recenseamento			político, com o fundamento de saberem lêr e escrever			
Nomes	Idades	Estados	Profissões	Moradas	É ou não elegível	
					Para Senador	Para Deputado
Abel Ramalho das Chagas	28	c.	trab.º	Q.ª do Anjo		
Sebastião Carvalho d'Almeida e Silva	30	c.	agricultor	Palmela		
Sebastião Gomes de Matos	27	s.	cap.º	"		
Sebastião Duarte Fernandes	31	s.	comerciante	Q.ª do Anjo		
" José do Vale	25	c.	neg.º	" " "		
" Lopes Pereira	41	c.	trab.º	Arraiados		
" d'Almeida	30	s.	"	Palmela		
Afonso Pereira	43	c.	guarda	Estada Palmela		
" Pintos Cordas	32	c.	guarda armado	Pichal novo		
Agostinho António Pereira	60	c.	capataz	Q.ª do Anjo		
" Augusto Pereira	41	c.	industrial	Palmela		
Albano da Costa Veiga	45	c.	alfarinate	"		
Alberto Lopes dos Santos	36	c.	"	"		
" Raimundo da Costa	41	s.	trab.º	"		
" João Silva	28	s.	pedreiro	"		
Albino Henrique de Alpoim	59	c.	prof.º	"		
Alfredo Silveira Cabrita	22	c.	capataz	"		

Pormenor do Caderno Eleitoral da freguesia de S. Pedro de Palmela, 1921.

Maria Teresa Rosendo
Museu Municipal de Palmela

(A autora não segue as normas do Acordo Ortográfico em vigor)

¹ Consultado em: Arquivo Histórico | Eleição 1921, CE 29 Setúbal (parlamento.pt) PT-AHP/CDR/CVPoderes/S1/DC5/UI38

² FORTUNA, António Matos – Monografia de Palmela 3, extinção e restauração do concelho - Um combate singularmente duro. Palmela: Grupo de Amigos do Concelho de Palmela, 1995

³ MIRANDA, Jorge «O referendo e o plebiscito: a experiência portuguesa», in *Questões constitucionais*, nº19, 2008, pp. 149-171. ISSN 1405-9193.

⁴ Em Poceirão, os 5 eleitores são ferroviários.

⁵ Arquivo Histórico | Projecto de lei n.º 002-E/VI (parlamento.pt)

Em agenda...

MUSEU – A ESTAÇÃO (ANTIGA ESTAÇÃO FERROVIÁRIA DE PINHAL NOVO)

2023: 4 novembro | 2024: 2 março, 6 abril e 4 maio

15h00 - Visitas guiadas

2023: 25 novembro | 2024: 23 de março, 27 de abril, 25 de maio

10h00 - «No meu tempo...» - visitas orientadas por ferroviários

Frequência gratuita, com limite de inscrições até às 12h00 da antevéspera do dia da visita.

Informações e inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

Org.: Câmara Municipal de Palmela



Centro histórico e Castelo de Palmela VISITAS ORIENTADAS

2023: 4 novembro | 2024: 2 março, 6 abril, 4 maio
09h30 - Visita guiada ao Centro Histórico da Vila de Palmela

Ponto de encontro – Chafariz de D. Maria I

11h30 - Visita guiada ao Castelo de Palmela

Ponto de encontro – Praça de Armas

Visitas orientadas por António Lameira, Voluntário do Museu Municipal de Palmela

Inscrições: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt ou 21 233 6640

Limite de inscrições: mínimo 6, inscrições até às 12h00 da antevéspera do dia da visita.

Duração: 01h30 (em cada período)

Frequência gratuita

Org.: Câmara Municipal de Palmela

VISITAS ORIENTADAS

por voluntário do Museu Municipal de Palmela

Palmela - Centro Histórico e Castelo



Até setembro de 2024 | Espaço Cidadão, Palmela

EXPOSIÇÃO «ENTRE COPOS E BALÕES. DO ENSAIO ANALÍTICO À ENOLOGIA MODERNA»

Exposição temporária que dá a conhecer algumas das peças mais emblemáticas da coleção de vinificação, constituída a partir de doações particulares oriundas de Adeegas devolutas do Concelho de Palmela.

Contactos: 21 233 6640 | patrimonio.cultural@cm-palmela.pt
Org.: Câmara Municipal de Palmela



LABORATÓRIO

ENTRE COPOS E BALÕES

Do ensaio analítico à enologia moderna

Exposição Temporária

Até setembro 2024

ENTRADA GRATUITA
(visita sujeita ao horário de funcionamento do Espaço Cidadão)

Esopo Espaço Cidadão JUNTA DE FREGUESIA DE PALMELA

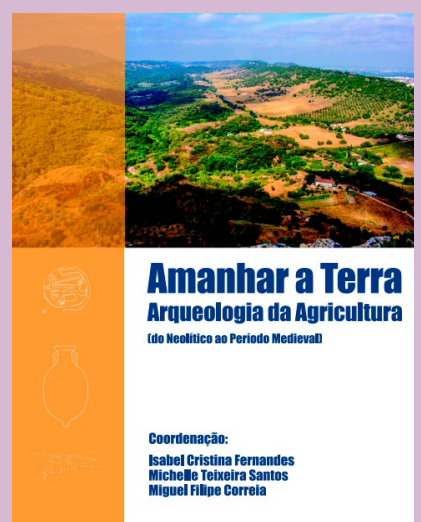
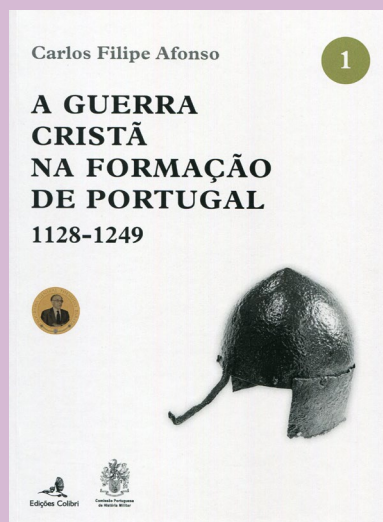
Município Palmela

Fotografia: Adérgio de Aguiar

Publicações...

AFONSO, Carlos - **A guerra cristã na formação de Portugal: 1128-1249**
- 1.ª ed. Lisboa: Colibri: Comissão Portuguesa de História Militar, 2022

AAVV (Coord. Isabel Cristina Fernandes, Michelle Teixeira Santos, Miguel Filipe Correia) - **Amanhar a terra. Arqueologia da agricultura: do neolítico ao período medieval** / [atas das Jornadas Internacionais]. Palmela: Câmara Municipal, 2023



SUMÁRIO

1 | Editorial

2 | Em Investigação...

Entre Portais e Armários Entaipados. Novos testemunhos arqueológicos no Centro Histórico da Vila de Palmela

3 | Em destaque...

Crise Climática. Pensar sobre os efeitos das alterações climáticas no património cultural.

Museu - A Estação: uma viagem ao mundo dos comboios para todos os públicos

Um Livro aberto à Liberdade

4 | Património local...

As profissões na freguesia de S. Pedro de Palmela, no Caderno Eleitoral de 1921

6 | Em agenda...

7 | Publicações

CONTACTOS

Museu Municipal de Palmela - Divisão de Bibliotecas e Património Cultural (DBPC)

Câmara Municipal de Palmela

Largo do Município

2951-504 PALMELA

Telefone: 21 233 6640 | E-mail: patrimonio.cultural@cm-palmela.pt

FICHA TÉCNICA

Edição: Câmara Municipal de Palmela | Coordenação editorial:

Chefe de Divisão da DBPC

Colaboram neste número: Ana Margarida Bichinho, Helena Martins, Maria Teresa

Rosendo, Marina Évora, Miguel Martins de Sousa, Michelle Teixeira Santos, Rui

Assunção, Sandra Abreu Silva, Rute Regula (revisão de texto)

Design: Joana de Oliveira | Impressão: Regiset

ISBN: 927-8497-27-X | Depósito legal: 196394/03